

## **Movimentos Sociais em Redes Sociais Virtuais: Possibilidades de Organização de Ações Coletivas no Ciberespaço**

**Wellington Tavares e Ana Paula Paes de Paula**

### **Resumo**

O objetivo deste ensaio teórico é analisar a dinâmica de ações coletivas estabelecidas em redes sociais virtuais, bem como refletir sobre sua utilização como espaço para formação e organização de grupos e ações coletivas. Buscou-se identificar e analisar as transformações tecnológicas e sociais que influenciam a organização de grupos e ações coletivas no ciberespaço, bem como discutir o surgimento, desenvolvimento e influência das redes sociais virtuais sobre movimentos sociais contemporâneos. Como resultado, aponta para a busca por emancipação, igualdade e/ou tipos de reconhecimento que tem sido realizada exclusivamente em espaços virtuais de interação ou como extensão dos espaços reais/físicos disponíveis, especialmente pela possibilidade de aproximação dos indivíduos, ainda que distantes geograficamente. Além disso, mostra o impacto da (re)definição da dinâmica relacional entre grupos sociais com a sociedade, de forma mais ampla ou relacionados diretamente ao Estado, valendo-se da organização de conceitos recentes sobre os objetos tratados e do esclarecimento de contextos relacionados aos movimentos sociais organizados em redes sociais virtuais.

### **Palavras-chave**

Movimentos Sociais. Redes Sociais Virtuais. Ações Coletivas. Ciberespaço. Organização.

### **Abstract**

The aim of this theoretical paper is to analyze the dynamics of collective action established in virtual social networks as well as reflect upon the use of these networks as a space for training and organization of groups and collective actions. It seeks to identify and analyze the technological and social changes that influence the organization of groups and collective actions in cyberspace as well as discuss the emergence, development and influence of virtual social networks on contemporary social movements. As a result, it points out the quest for emancipation, equality and/or types of recognition

that has been carried out exclusively in virtual spaces of interaction or as an extension of the real/physical spaces available, especially for the possibility of approaching individuals, geographically distant though. Furthermore, it shows the impact of the (re)definition of the relational dynamics between social groups and society more broadly or directly related to the State, using the organization of recent concepts on the treated objects and clarifying contexts related to social movements organized in virtual social networks.

**Keywords** Social Movements. Virtual Social Network. Collective Actions. Cyberspace. Organization.

## INTRODUÇÃO

A tradição das relações sociais parece estar perdendo sua força continuamente nos últimos tempos. As estruturas socialmente construídas com base em relações de subordinação e dominação por vezes são defendidas como necessárias para permitir maior coesão social, sendo assumidas como fruto da hereditariedade e levando os indivíduos a aceitá-las. A defesa dessa continuidade é realizada tanto por representantes do poder público, em razão do tipo de política e seus regimes políticos adotados, quanto por meio de grupos sociais hegemônicos que se colocam em posições de elite.

Visto tal contexto e a crescente desaprovação das estruturas sociais vigentes, vários tipos de ações coletivas têm levado os indivíduos a manifestarem suas demandas sociais e insatisfações diversas por meio de movimentos sociais. Tais movimentos, muitas vezes, estabelecem-se por meio de redes de mobilização que englobam demandas e objetivos semelhantes e compartilhados entre os manifestantes e favorecem a atuação em favor de causas coletivas. As bases desse tipo de ação são bem fundamentadas na história por meio de órgãos de classes - tais como sindicatos -, bem como por meio de revoltas populares e movimentos sociais diversos. Contudo, o que chama atenção nos tempos atuais é a utilização de diferentes formas de ações coletivas e a utilização de novos espaços e recursos que possibilitam aos indivíduos se (re)conhecerem em grupos, se organizarem e agirem coletivamente.

No entendimento de Scherer-Warren (2005), os movimentos sociais apresentam uma diferente configuração na sociedade da informação, marcadamente alterada em decorrência do desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. Nesta direção, importa considerar três dimensões para a análise de tais movimentos: temporalidade, diante da possibilidade de análises de tempos sociais distintos; espacialidade, diante do surgimento de novos espaços ou territórios - virtuais e reais -, bem como suas interações; e sociabilidade, diante de novas formas de relações sociais em termos de intensidade, alcance, intenções e conectividade com dimensões da esfera pública.

Já as redes sociais resultam de um tipo de conjugação de três elementos: ações orientadas a determinados fins, acaso e heranças de padrões de vínculos anteriores. Tal visão parece apontar para dimensões distintas das redes, sendo estas pautadas por organização, processos políticos e contexto histórico-cultural (MARQUES, 2007). A análise que se pretende realizar neste artigo está voltada para as redes sociais virtuais, em especial por estas propiciarem o desenvolvimento de ações coletivas dos movimentos sociais. Alguns destes movimentos têm desenvolvido capacidades de articulação em redes virtuais, visando o aumento do compartilhamento de conhecimentos e experiências, bem como o aumento da amplitude da mobilização, da influência e da interlocução em relação às amplitudes de poder (AGUIAR, 2007b).

A partir daí, e em virtude das recentes inovações nos processos comunicacionais e organizacionais, bem como dos desafios e das possibilidades inerentes a tais, várias questões surgem como forma de permitir melhores análises e entendimentos sobre esses fenômenos sociais, especialmente em relação às possibilidades de ação para os indivíduos ao possibilitar maior aproximação, integração e cooperação virtuais; ao estabelecimento de organização e coesão entre os grupos e seus movimentos; aos impactos das redes virtuais na cultura e democracia.

Nesse sentido, este ensaio teórico propõe-se a responder à seguinte argumentação: Quais possibilidades de relações e organizações de ações coletivas e ativistas de movimentos sociais surgem a partir das redes sociais virtuais? A principal proposição levantada aqui é a de que as redes sociais virtuais constituem-se como importantes espaços que permitem ampliar as potencialidades dos indivíduos se agruparem e agirem coletivamente diante de transformações ocorridas na tecnologia, cultura e sociedade. Desta forma, para se compreender esta dinâmica social, sua organização e seus processos, o objetivo geral deste estudo é analisar o surgimento, as possibilidades e a dinâmica de ações coletivas e ativistas de movimentos sociais estabelecidas em redes sociais virtuais, bem como refletir sobre a utilização destas redes como espaço para formação e organização de grupos e ações coletivas.

Como forma de melhor esclarecer o objetivo geral deste estudo, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: a) identificar e analisar as transformações tecnológicas e sociais que possibilitaram as alterações nas formas de comunicação e organização de grupos e ações coletivas no ciberespaço; b) discutir o surgimento, desenvolvimento e influência das redes sociais virtuais na formação/fortalecimento de grupos sociais; c) analisar a evolução das discussões sobre movimentos sociais, bem como suas relações com as redes sociais, e; d) discutir as possibilidades de organização de movimentos sociais nas redes sociais virtuais, as ações coletivas e ativistas.

Para o alcance dos objetivos definidos acima, este ensaio teórico apresenta discussões acerca de movimentos sociais e redes sociais virtuais, organizadas conforme segue. A partir desta primeira seção introdutória, na segunda seção, realiza-se uma explanação sobre o desenvolvimento tecnológico que propiciou o aparecimento e fortalecimento de recursos informacionais e comunicacionais, em especial os *softwares* sociais. Na terceira seção, são apresentados conceitos sobre as redes sociais e, em especial, sobre tais redes que se

desenvolvem no ambiente virtual propiciado pela internet: as redes sociais virtuais. Já na quarta seção, são apresentadas algumas definições sobre movimentos sociais e sobre as relações destes com as redes sociais que possibilitam seu desenvolvimento na sociedade. Na quinta seção, são apresentadas discussões acerca da organização de movimentos sociais nas redes sociais virtuais, que é o objetivo central deste ensaio. Por fim, na sexta seção são apresentadas as principais considerações deste ensaio.

## **DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E SOFTWARES SOCIAIS**

O desenvolvimento dos sistemas eletrônicos é um dos principais responsáveis pelas grandes transformações que a economia e a sociedade têm passado. Na economia, o impacto das tecnologias nos processos e na interação entre organizações demonstra o grande impacto sobre o capitalismo, transformado em função da era da informação. Já na sociedade, há mudanças em termos das novas formas de comunicação, da redução das distâncias, dos novos modos de se relacionar e da própria mudança cultural, denominada como “cultura internet” (CASTELLS, 1999).

A partir de uma comparação da era industrial com a era da informação, torna-se perceptível que, nesta última, há semelhante preocupação com as economias de escala da primeira, porém menos preocupações com o espaço e o tempo. Nota-se o surgimento de uma nova dinâmica de vida e de relações, a qual “exigirá cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada ora, e a transmissão do próprio lugar vai começar a se tornar realidade” (NEGROPONTE, 1995, p. 159). De forma saudosista, Baudrillard (1997) chama a atenção para as mudanças que o desenvolvimento da tecnologia trouxe para o cotidiano das pessoas e e também para as consequências da virtualidade para a identidade dos indivíduos, visto que essa “implica a possibilidade da dissimulação, do desaparecimento no espaço impalpável do virtual, e de assim não ser mais localizável, inclusive por si mesmo” (BAUDRILLARD, 1997, p. 149).

Por outro lado, e de forma mais receptiva e positiva em relação ao desenvolvimento tecnológico, Rheingold (1996) discute a importância da Comunicação Mediada por Computador (CMC) para a democratização da informação e aumento da liberdade de expressão. Ainda nesse sentido, Castells (1999) argumenta que a busca de identificação e sociabilidade expuseram o surgimento de uma nova cultura ocasionada pela expansão dos ciberespaços que eclodiram a partir do desenvolvimento das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) e da CMC, e que dão base para as formas atuais de relações, trabalho e comunicação das pessoas.

No início da década de 1970, Alan Kay criou o *Learning Research Groupe* no laboratório PARC da Xerox, que objetivava integrar usuários, tendo levado os demais pesquisadores desse laboratório a se encorajarem para criar o ALTO, um computador pessoal e experimental que funcionava em redes locais (LAN, Ethernet). Essa invenção possibilitou a continuidade do desenvolvimento de máquinas que viriam a constituir os primeiros microcomputadores (LEMO, 2004). Já as redes sociais na internet originaram-se das

denominadas comunidades de interesse temático a partir dos BBSes e *newsgroups* da Usenet, criados em 1979 na Duke University nos EUA e que permitia o compartilhamento e organização temática de mensagens por várias instituições no mundo. Os BBSes foram sistemas de comunicação muito utilizados nas décadas de 1970 a 1990, nos quais havia troca de mensagens por conexões discadas. Os *newsgroups* eram grupos de discussão que antecederam os grupos de interação por *e-mails* e redes fechadas que prevalecem nos dias atuais. Ambos os grupos permitiam a interação entre desconhecidos que passavam a se relacionar em virtude de interesses comuns. Já as redes sociais da atualidade, em grande parte, favorecem contatos virtuais de indivíduos que já se conhecem nos espaços reais e que tornam, preferencial ou exclusivamente, a plataforma virtual em espaço de interação e trocas (AGUIAR, 2007a).

Cerca de três décadas depois, em meados de 2002, surgiram novas redes sociais virtuais que atualmente fazem parte do que se denomina de nova geração das redes de relacionamento. A primeira rede baseada em “círculo de amigos” foi o *Friendster* desenvolvido pelo cientista da computação britânico Jonathan Bishop. Nessa rede, os usuários criavam seus perfis públicos e passavam a associar-se a demais perfis, tais como os de amigos, amigos de amigos, entre outros. Após alcançar uma enorme quantidade de usuários em pouco menos de um ano, cerca de 3,3 milhões, outras redes sociais virtuais foram surgindo, tais como os mais conhecidos *MySpace*, *Orkut* e *Facebook*. Após essa propagação de *sites* de relacionamentos sociais, uma série de outros novos tem surgido na atualidade, buscando mercados relacionados a grupos específicos, tais como adolescentes, pessoas interessadas em música etc. (AGUIAR, 2007a).

Atualmente nota-se uma expansão do número e variedade dos tipos de *softwares* sociais oferecendo recursos diversos, mas com focos semelhantes e normalmente voltados para a agregação de pessoas do círculo de relacionamentos e na construção de elos. Contudo, há que se esclarecer que o *software* social não é propriamente uma comunidade virtual, mas contém várias delas ao se constituir como o espaço no qual estas se estabelecem. Machado e Tijiboy (2005) enumeram alguns desses *softwares* que dão ou deram nome às redes sociais virtuais que formam, entre os quais pode-se destacar o *Orkut*, *Wallop Tribe*, *Hi5*, *Friendster* e *Dogster*.

Em um breve histórico sobre o desenvolvimento e popularização dos *softwares* sociais, podem-se enumerar alguns principais em uma linha histórica, de acordo com Boyd e Ellison (2007). O precursor é o *SixDegrees.com*, lançado no ano de 1997. Após este, até meados de 2001, uma série de *sites* surgiu com diferentes possibilidades para formar as redes sociais, conforme anos de surgimento e nomes a seguir: 1999 – *LiveJournal*, *AsianAvenue*, *BlackPlanet*; 2000 – *MiGente*; 2001- *Cyworld* e *Ryze*; 2002 – *Fotolog* e *Friendster*; 2003 – *LinkedIn*, *MySpace*, *Tribe.net*, *Last.FM* e *Hi5*; 2004 – *Orkut*, *Flickr* e *Piczo*; 2005 – *Yahoo! 360* e *YouTube*, e; 2006 – *Windows Live Spaces*, *Twitter* e *Facebook*. Apesar de o *Facebook* ter se popularizado a partir de 2006, ele já podia ser utilizado em 2004 apenas por um grupo restrito em Harvard, além de uma versão para redes corporativas lançada no início de 2006. Atualmente, outra rede que tem crescido em popularidade e membros é a *Google+*, lançada pela *Google* em meados de junho de 2011 para fazer frente ao crescimento do *Facebook* e, em especial, diante da queda no número de usuários do *Orkut*, sua outra rede social. Mais

recentemente, outra rede social entrou nesse cenário, no final de 2012, a *Socl*, desenvolvida pela *Microsoft*.

O termo *software* social foi (re)afirmado por Clay Shirky em 2002, buscando abranger uma vasta possibilidade de utilizações, definindo-o como “*all uses of software that supported interacting groups, even if the interaction was offline*”, por meio da *Web 2.0* (BOYD, 2007a, p. 15). O termo *software* social por vezes é substituído por outros com os quais mantém semelhanças conceituais, tais como: *groupware*; *computer-mediated communication* (CMC); *social computing* e; *sociable media* (BOYD, 2007a, p. 15).

Na definição de Boyd e Ellison, *sites* de redes sociais (*social network sites - SNS*) são classificados, em geral, como

[...] web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system (BOYD; ELLISON, 2007, p. 211).

A visibilidade dos perfis dos usuários varia de acordo com o *software* social utilizado e com a descrição do usuário. Normalmente os *sites* oferecem diversas opções para que o usuário configure seu perfil e escolha o que se torna público para todos os usuários ou privado para os grupos de “amigos” que desejar selecionar para visualizar, desde informações gerais a fotografias, postagens etc. (BOYD; ELLISON, 2007). Além desses recursos, Cogo e Brignol (2011) ressaltam a importância do hipertexto (formado por texto, som e imagem) na construção de mensagens e conteúdos a partir de fluxos heterogêneos, possibilitando a hibridização de diferentes formas discursivas na CMC. Este fato apontou novas possibilidades para a reestruturação dos processos comunicacionais a partir da lógica de redes.

As repercussões dos *sites* de redes sociais são um fenômeno global, em especial na expansão de comunidades (BOYD; ELLISON, 2007). Boyd (2007b) discute as questões relacionadas a identidade e participação na rede *Friendster*, defendendo que as relações sociais na rede virtual não equivalem às relações fora dela. Harrison e Tomas (2009) recorrem a um estudo para expor a influência de uma rede social virtual, a *Livemocha*, na aprendizagem de idiomas. Szell e Thurner (2010) apresentam um estudo com uma rede virtual estabelecida por meio de jogadores de *games*, procurando mensurar a dinâmica das relações e aspectos estruturais da rede, tal como a densidade. Gosling *et al.* (2011) apresentam estudos comparativos do comportamento relatado e dos dados descritos em perfis de usuários no *Facebook*. Takhteyev, Gruzd e Wellman (2012) comparam a formação de laços sociais no *Twitter* com a proximidade geográfica, linguagem, fronteiras nacionais e outros elementos.

Há também alguns estudos realizados e publicados no Brasil que realizaram análises em redes sociais virtuais, a exemplo do trabalho de Recuero (2004b), ao analisar aspectos da Teoria de Redes no *Orkut*, em *weblogs* e *fatologs*. Em outro estudo, Recuero (2006) faz relações do capital social e de sua relação com a dinâmica social observadas no *Orkut*. Já Santos Júnior

e Mantovani (2010) procuraram compreender alguns aspectos da comunicação estabelecida em comunidades do *Orkut*. No Brasil, nota-se uma preponderância de estudos com foco nesta rede social, visto que, até meados de 2010, possivelmente, era o *software* social mais utilizado no país, tendo perdido espaço para outros, tais como *Twitter* e *Facebook*.

A partir do aprofundamento dos aspectos tecnológicos e do histórico de desenvolvimento dos *softwares* sociais, na próxima seção, é apresentado o contexto virtual das redes sociais nas quais os integrantes de movimentos sociais encontram ferramentas e condições de realizar ações coletivas, organização dos grupos e, especialmente, desenvolver a consciência política a partir do dinâmico contexto ideológico e cultural formado.

## REDES SOCIAIS VIRTUAIS

As redes sociais são quaisquer relações entre pessoas, mediadas ou não por sistemas informatizados. Tais relações podem ser efetivadas por interações que visam mudanças na vida das pessoas, para o coletivo ou ainda para organizações, visto que tais interações podem ser estabelecidas em razão de interesses particulares, em defesa de outros ou em nome de organizações. Além dessas motivações, as redes podem ser estabelecidas em função de movimentos sociais com finalidades sociopolíticas (AGUIAR, 2007a).

Entre as variações ou especificidades de redes sociais, estão as denominadas ‘redes sociais na internet’ ou ‘redes sociais virtuais’, que se referem aos formatos de sociabilidade e de relações sociais virtuais, que se diferenciam das relações reais em termos de objetivos e dinâmica. A exemplo das ações sociopolíticas, muitas relações estabelecidas no ‘mundo real’ passam a utilizar a internet como um ambiente adicional de interação, figurando como um espaço público complementar (AGUIAR, 2007a). Há uma necessidade dos indivíduos em se integrarem a grupos sociais específicos que tenham interesses comuns, o que expõe a intenção de se reconhecerem quando buscam conectar-se às redes com as quais se identifiquem. Além disso, esse espaço de interação social, em especial os virtuais, possibilita a comunicação entre os usuários e favorece a desnacionalização e desestatização da informação, a partir da conectividade mundial estabelecida pela *internet* (CASTELLS, 1999).

Assim, pode-se compreender a existência das redes sociais a partir de análises sobre o prisma das relações sociais e das trocas efetuadas entre os membros dos agrupamentos sociais e não meramente em termos da territorialidade. Para Wellman e Berkowitz (1988), as redes sociais na internet são mais que a simples definição e denominação de elementos que permitem criar uma metáfora para compreender um agrupamento; elas são baseadas em relações que sustentam uma estrutura em rede. Por exemplo, os nós não são apenas indivíduos, mas podem representar agrupamentos; os laços entre os membros não são apenas uma representação de um elemento da estrutura da rede, mas representam as relações entre os membros por onde as trocas fluem.

Nesse sentido, e diante das possibilidades configuradas por um novo conceito de tempo-espaço, as pessoas têm passado a se estabelecer em redes no ciberespaço. Este fato é reforçado



em Rheingold (1996), visto que as redes virtuais foram possíveis a partir da redução das possibilidades de encontros reais entre as pessoas, possibilitando se criar laços emotivos por meio da internet e discussões virtuais duradouras.

Para Lévy (2000, p. 127), uma rede virtual “é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”. Elas “constituem o fundamento social do ciberespaço e a chave da ciberdemocracia” (LÉVY, 2002, p. 67). Já no entendimento de Rheingold (1996, p. 18), redes virtuais são conceituadas como “agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”. Já ciberespaço, considerando o avanço no desenvolvimento da Comunicação Mediada por Computador (CMC), pode ser compreendido como “espaço conceptual onde se manifestam palavras, relações humanas, dados, riqueza e poder dos utilizadores da tecnologia de CMC” (RHEINGOLD, 1996, p. 18).

No entendimento de Recuero (2004a), o fluxo de informações interfere no formato do ciberespaço, visto que, a cada nova postagem, comentário ou disseminação de *links*, a internet e as redes são alteradas, dando origem a novas relações e modificando os nós da rede. São ações como essas, ocorridas entre os indivíduos, que permitem que, assim como na “realidade real”, as redes virtuais sejam dinâmicas e alterem suas configurações. Apesar de, por um lado, parecerem ameaçar a sociabilidade, as redes sociais virtuais mostram-se úteis sob o ponto de vista do dinamismo e vitalidade social, e por permitirem um espaço que potencializa as conexões entre os indivíduos (PRIMO, 1997).

Nas relações estabelecidas nas redes, os indivíduos têm a possibilidade de escolher o outro com quem desejam se relacionar, diferentemente das relações estabelecidas com a família e comunidade que se dão no primeiro processo de socialização. Além disso, as redes suportam não apenas laços relacionais fracos, mas laços fortes e íntimos, e podem permitir que laços estabelecidos nas redes virtuais tenham também presença na “vida real” dos envolvidos (WELLMAN, 1999; 2002; WELLMAN; GULIA, 1999).

Schlemmer *et al.* (2006) defendem que os espaços de convivência digital ampliam as possibilidades de interação, de comunicação e acesso a informações aos indivíduos, possibilitando a criação de redes complexas, nas quais a estrutura não segue um padrão regular e, por isso, as informações propagam-se além do raio de ação direta. Diante disso, uma das principais características desse tipo de rede é a falta de controle e previsão quanto ao direcionamento das informações que provocam constantes mudanças na rede em termos de tempo e espaço.

Outra importante contribuição das redes sociais virtuais é discutida por Costa (2005) ao analisar o papel dessas como importantes meios para a geração e aprimoramento do capital social, bem como do capital cultural. Além disso, é nessas que o indivíduo encontra possibilidades de compartilhar ideias, informações e conhecimentos, o que poderia ser impossível com os próximos em redes locais, em virtude das restrições de tempo e espaço.



No que diz respeito a identidade, as redes sociais virtuais podem ser compreendidas como a apropriação de um espaço no ciberespaço por um indivíduo que deseja ser visto e constrói sua identidade, dando origem a um “eu” na rede (RECUERO, 2004). Para Sibilía (2003), citada por Recuero (2004a), existe um imperativo da visibilidade na sociedade que decorre de uma ligação entre os âmbitos público e privado do indivíduo. Para existir no espaço dos fluxos, é necessário ser visto e se tornar parte da rede.

No mesmo sentido, Rheingold (1996) analisa o papel das redes sociais virtuais na atualidade e afirma que estas não apenas possibilitam a interação e encontro de pessoas, mas se tornaram um ambiente no qual se pode alcançar objetivos definidos pela coletividade, além da possibilidade de se criar e obter informações relevantes que constituem a inteligência coletiva. Machado e Tijiboy (2005, p.8) também defendem que as redes sociais virtuais podem ser úteis como espaços de aprendizado coletivo e de trocas cooperativas de conhecimento, contribuindo para “a mobilização dos saberes, o reconhecimento das diferentes identidades e a articulação dos pensamentos que compõem a coletividade”.

Até aqui foi possível compreender o quadro conceitual e prático dos estudos de redes sociais, enfocando especialmente na tipologia de redes sociais virtuais, as quais são a base deste estudo, pois é o meio no qual os movimentos sociais serão analisados. A partir daí, torna-se necessário primeiramente elencar as formas pelas quais os movimentos sociais na atualidade se formam e se desenvolvem, conforme se verá na próxima seção.

## **MOVIMENTOS SOCIAIS E REDES SOCIAIS**

Na ótica marxista estruturalista, os movimentos sociais eram identificados por meio da ação histórica da sociedade em relação às contradições do capitalismo. Contudo, esta abordagem tornou-se antiquada, visto o crescimento dos movimentos sociais e de lutas direcionadas a diferentes causas. Esses fatos deram origem ao conceito de novos movimentos sociais (NMS), sendo este distante dos tradicionais conceitos de caráter classista dos movimentos camponeses e sindicais. Os novos movimentos foram identificados inicialmente por meio de ações de caráter predominantemente urbanos, tais como os movimentos pacifistas, das mulheres, pelos direitos civis, ambientalistas etc., sendo que hoje existe uma enorme diversidade, especialmente alguns movimentos específicos de dados contextos sociais, históricos e culturais (MACHADO, 2007). Os novos movimentos sociais têm duas vantagens específicas se comparados aos movimentos sociais marxistas: colocam o ator no centro da análise e capturam características inovadoras destes movimentos que não se definem exclusivamente em relação ao sistema de produção (DELLA PORTA; DIANI, 2006).

As ações coletivas apresentam-se de forma múltipla e variável na contemporaneidade, sendo possível observá-las em diferentes níveis do sistema social. Nas análises atuais desses movimentos, busca-se conceituar campos de conflito e, a partir daí, conhecer como os grupos sociais agem neles. No passado, buscava-se analisar a condição social dos grupos e, posteriormente, as ações dos indivíduos decorrentes desse contexto. Isso se justifica em

virtude da mudança do foco dos movimentos sociais que deixou de se basear em classes, raças e questões políticas tradicionais, voltando-se para o campo cultural, em virtude da complexidade da sociedade, das mudanças culturais e práticas sociais (MELUCCI, 1996).

Entendida a complexidade das sociedades contemporâneas, tais articulações podem se dar de forma plural, sendo que as lutas por cidadania envolvem várias dimensões: “de gênero, étnica, de classe, regional, mas também dimensões de afinidades ou de opções políticas e de valores: pela igualdade, pela liberdade, pela paz, pelo ecologicamente correto, pela sustentabilidade social e ambiental, pelo respeito à diversidade e às diferenças culturais etc.” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 115).

Na visão de Melucci (1996, p. 36), houve uma transformação dos movimentos sociais a partir do final da década de 1970, deixando de existir apenas movimentos de atores políticos ou organizacionais e dando origem a formas compreendidas como “movimentos como meio” (*movements as media*). Tal diferenciação é dada em função dos papéis e comportamentos assumidos pelos atores, bem como diante do foco assumido nas ações, sendo que, por um lado, os atores podem engajar-se em ações voltadas para reforma, inclusão, novos direitos, redefinição de regras políticas, e, por outro lado, atores que direcionam suas ações e questionamentos para formas ou condições culturais puras, que expressam conflitos e dilemas de orientações básicas da sociedade.

O descentramento do sujeito e o surgimento de uma pluralidade de atores possibilitaram o fortalecimento do conceito de cidadania a partir da década de 1990 no Brasil, da mesma forma que o conceito de autonomia vigorava na década de 1980. Essa cidadania liga-se aos novos movimentos, em lutas pelo “reconhecimento de direitos sociais e culturais modernos”, direcionados para causas ligadas a “raça, gênero, sexo, qualidade de vida, meio ambiente, segurança, direitos humanos etc.” (GOHN, 2004, p. 22). Para Edwards e McCarthy (2004), os novos movimentos tornaram-se possíveis em virtude do surgimento de uma “nova classe média”, atuando como “motores principais” destes.

De acordo com Aguiar (2007a, p. 12), outro público específico das redes de movimentos sociais têm sido os indivíduos com interesses em questões ambientais e desenvolvimento social, que passaram a se inserir em redes sociais temáticas, especialmente a partir da conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92). Essas redes possibilitam criar e manter uma “extensa rede invisível que caracteriza as articulações sociopolíticas no Brasil”, que permitem construir debates e acordos à distância, por meio das tecnologias da informação envolvidas.

Marteletto (2001, p. 73-74) chama a atenção para o fato de que muitos estudos têm apontado importantes “mudanças no perfil e na dinâmica dos movimentos sociais”, sendo que um dos principais aspectos alterados foi o foco das mobilizações e reivindicações, que passou a ser direcionado para as “condições de vida da população” e não mais direcionado à “esfera da produção e do trabalho”, visto que as lutas são baseadas na “ampliação do acesso ao espaço público”.

Nos movimentos contemporâneos, os atores direcionam suas atenções para as diferenças

entre sexos, idades e culturas. Considerando os distintos focos dos movimentos e as especificidades dos modelos de organização e sistemas políticos, as ações tornam-se intimamente relacionadas com a vida cotidiana e a experiência individual, o que possibilita compreender a variedade de formas dos movimentos e de significados das ações coletivas (MELUCCI, 1996). Para Scherer-Warren (2006, p. 120-121), o ativismo embasado nos valores da democracia, da solidariedade e da cooperação vem crescendo de forma significativa nos últimos anos, sendo orientado “aos mais excluídos, mais discriminados, mais carentes e mais dominados”.

Os movimentos sociais são formados por agrupamentos heterogêneos, apesar de, à primeira vista, parecerem homogêneos. Além disso, guardam a característica de serem contínuos, visto que transcendem os episódios. A partir daí, pode-se compreendê-los como um sistema de ações coletivas, nos quais a continuidade das ações molda e forma os movimentos (MELUCCI, 1996). Também para Della Porta e Diani (2006, p. 2), não se pode pensar que os novos movimentos sociais, tais como o “*global justice movement*”, são homogêneos. Dessa forma, movimentos com bandeiras globais, como os sustentados por iniciativas contra a globalização neoliberal, diferenciam-se em relação aos focos de manifestações (trabalho infantil, desmatamento, entre outros), das formas como os indivíduos se comportam nos eventos coletivos, dos pontos de vista assumidos, entre outros.

Os movimentos sociais contemporâneos assumem um formato de rede solidária com importantes significados culturais e podem ser definidos como “*systems of action, complex networks among the different levels and meanings of social action*” (MELUCCI, 1996, p. 4). Além disso, Melucci (1996) os compara com a metáfora “profetas do presente”, que exercem influência não por força de aparatos, mas por meio do poder da palavra, anunciando o início de mudanças.

Nesse sentido, Scherer-Warren (2005) argumenta que, para melhor compreensão dos movimentos sociais contemporâneos, é necessário entender como os indivíduos se tornam sujeitos de seus destinos pessoais e como os sujeitos se transformam em atores políticos por meio de seus envolvimento em redes. E, vistas as novas possibilidades disponíveis para os movimentos sociais, a autora informa alguns aspectos que as análises neste campo podem buscar esclarecer: a) a forma pela qual os atores e organizações locais interagem com agentes coletivos nos planos regionais, nacionais e transnacionais; b) quais organizações, atores e movimentos são integrados ou excluídos pelas redes e quais as razões que levam à formação de tal estrutura; c) qual a forma que as interações assumem nas redes de informação e quais seus resultados, tais como o tipo de solidariedade, de estratégia, os mecanismos de negociação, representações simbólicas, interculturalismo, entre outros.

Kraemer, Whiteman e Banerjee (2013) reforçam a ideia da transnacionalidade e da estratégia de movimentos sociais, demonstrando, por meio de um caso ocorrido na Índia, que um movimento local se expandiu e se fortaleceu além das fronteiras daquele país a partir de ações e estratégias iniciadas por um indivíduo que se tornou porta-voz do movimento. Neste caso, foi possível constatar a importância das redes para efetivar coalisões e para a formação dos processos de mobilização nos âmbitos nacional e internacional.

As redes sociais passaram a ser aplicadas na análise dos movimentos sociais a partir dos anos 1970, a partir do *boom* desta área na sociologia, em especial na abordagem dos novos movimentos sociais. A existência de redes de indivíduos e organizações que formam um coletivo em rede pode ser compreendida como o surgimento de segmentos que formam um movimento social. Há também a possibilidade de formação de redes de movimentos sociais que se formam de modo complexo e transcendem a delimitação de organizações, conectando indivíduos e atores coletivos de forma simbólica, solidária ou estratégica (SCHERER-WARREN, 2005). No caso brasileiro, Scherer-Warren (2005) informa alguns exemplos de redes de movimentos, tais como: redes estratégicas de denúncias - Diretas Já, Caras Pintadas, Grito dos Excluídos; redes de estratégias de desobediência civil - Movimento dos Sem Terra, Movimentos dos Sem Teto; redes de luta contra a exclusão - Ação da Cidadania, Economia Solidária; e, redes de negociação na esfera pública - Agenda 21, Conselhos Setoriais, Orçamento Participativo.

Ao se falar em redes de movimentos sociais, deve-se assumir que, mesmo neste tipo de redes, há distintas formas e intensidades de poder, visto que os centros de poder são democratizados, mas ainda assim pode haver elos mais fortes, com maior poder de influência e decisão (SCHERER-WARREN, 2006). Para Cogo e Brignol (2011), as redes possuem relações de poder que são expressas em disputas e assimetrias nas esferas de comunicação e cultura. A partir daí, compreende-se que a forma como o poder se apresenta e é exercido tem relação com o modo como as relações se estruturam e com a intensidade e tipos de participação dos indivíduos na rede.

Além disso, as redes sociais afetam a participação na ação coletiva e podem ampliar as oportunidades dos indivíduos para se envolverem e fortalecerem o ativismo. Contudo, as redes não são apenas facilitadoras da ação coletiva, mas são, também, produto resultante desta, visto que a participação possibilita a formação de novas ligações/relações. Contudo, as redes não são o fator mais importante para o estabelecimento de laços nos movimentos sociais, visto que a capacidade de motivar pessoas pode ser realizada por meio de movimentos já fortalecidos e não pelas conexões em rede. Assim, pode-se compreender a capacidade anônima de certos movimentos ao encorajar a participação de outros indivíduos pelo simples fato de se mostrarem maduros e fortalecidos. Além disso, em muitos casos, os laços entre redes, ao invés de encorajar, acabam por desencorajar a participação de outros indivíduos e grupos (DELLA PORTA; DIANI, 2006).

Há uma tendência contemporânea de agregação social, com base em uma nova cultura política, tendendo ao aumento da participação popular quando se está em discussão a busca por justiça social e a construção de uma sociedade mais solidária. O que dá sustentação para esse tipo de ação coletiva é a busca de interesses comuns e uma maior conscientização dos indivíduos sobre o contexto no qual estão inseridos. Para isso, o ciberespaço mostra-se como um ambiente propício para a troca de informações, sendo que as ações não se situam apenas no campo virtual e nem se esgotam nele. Normalmente, os movimentos sociais são advindos de práticas fora do ambiente virtual e encontram no ciberespaço um local de confluência dos interesses da coletividade (PERUZZO, 2002).

É nesse espaço que são ofertados aos usuários formas e tempos diferenciados de tempo e de espaço por meio de diferentes artefatos digitais. Por meio desses artefatos, o ciberespaço torna-se um instrumento de conexão de forma a catalisar e potencializar ações, o que o torna interesse para estudos antropológicos e sociológicos, vista sua possibilidade de canalizar o vitalismo social (LÉVY, 2002; LEMOS, 2004). Para Haug (2013), os movimentos sociais situam-se em uma arena na qual são encontradas três formas de ordenamento social em relação aos grupos de ações coletivas, sendo estas a ordem da organização, a da instituição e a de rede, de acordo com os interesses dos organizadores dos movimentos. Para o autor, as redes constituem-se como uma infraestrutura que visa atender ao movimento e às mobilizações, buscando criar formas de sincronizar as atividades dos indivíduos dispersos em relação ao tempo e espaço.

De forma geral, e em concordância com o pensamento de Chua, Madej e Wellman (2011, p. 106), os *sites* de redes sociais apenas incrementam as relações na vida real, visto que *“such social networking sites do not suppress offline social contact, but they are integrated with it, as many relationships are migratory: moving from being online only to combining online with offline contact”*. As redes sociais colaboram com o recrutamento e inserção das pessoas nas ações coletivas dos movimentos sociais, além de favorecerem, a partir de ações iniciais, que se desenvolva, posteriormente, uma consciência política (GAMSON, 1992).

As ligações formadas entre grupos estabelecem um canal de comunicação que possibilita promover iniciativas conjuntas, ampliando os laços de solidariedade e confiança entre os grupos, bem como a continuidade das ações ao longo do tempo. O capital social estabelecido nas relações entre grupos favorece o desenvolvimento ou descoberta de oportunidades para os indivíduos e a coletividade. Dessa forma, as redes fornecem condições para que a predisposição se transforme em ações, também influenciadas pelos laços estabelecidos e pelos canais de comunicação (DELLA PORTA e DIANI, 2006).

O desenvolvimento da CMC e da internet tem possibilitado a formação deste tipo de rede. Para Frey (2003, p. 177), a internet pode possibilitar “modos de relacionamento transversais e estruturas mais fluidos, em maior sintonia com as estruturas de redes, que caracterizam os processos sociais e políticos nas sociedades democráticas modernas”. Além disso, Frey destaca as possibilidades de acesso à informação independentemente da distância espacial, podendo ser transmitida em tempo real, fatos estes que colaboram com as demandas e expectativas de cidadãos envolvidos em processos de decisão e participação democrática. Para Della Porta e Diani (2006), o desenvolvimento da CMC favorece a realização de ações coletivas, reforçando e facilitando o ativismo, visto sua capacidade de possibilitar a manutenção de laços estabelecidos nos espaços reais/físicos e por dar suporte técnico para as atividades dos grupos.

## **ORGANIZAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS**

As características de interatividade, cooperação e descentralização da internet abriram espaço para as lutas sociais a partir da segunda metade da década de 1990, hajam vista as

possibilidades de difusão de reivindicações, disseminação de ideias e estabelecimento de contatos, e sem ter a necessidade de passar pelos filtros ideológicos da grande mídia. Dessa forma, “a militância *on line* vem alargar a teia comunicacional planetária, usufruindo de uma das singularidades do ciberespaço: a capacidade de disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, variadas atividades, formas e expressões de vida.” (MORAES, 2000, p. 142)

O ciberespaço e a dinâmica propiciada por este em termos de aproximação de diferentes tempos culturais resulta em uma sinergia entre as redes presenciais e redes virtuais. Além das articulações entre as redes virtuais e presenciais, novas possibilidades de articulações podem ser vislumbradas, seja na relação entre legados históricos e projetos de transformações ou mesmo na relação entre escalas locais e globais dos movimentos (SCHERER-WARREN, 2005).

Há uma importância nas mudanças em relação aos modos como a informação passou a circular nas mídias, passando de uma “lógica hegemônica de transmissão das informações de forma massiva e generalizada, de um pequeno grupo produtor a um coletivo indiscriminado” para uma forma na qual há “possibilidade de produção de informação e estabelecimento de comunicação de uma forma mais descentralizada e distribuída para públicos segmentados”. Embora a interatividade possa ser vista em outras mídias, é na internet que ela apresenta maior predominância e força (COGO; BRIGNOL, 2011, p. 83).

Como o ciberespaço constitui-se em um “universal indeterminado”, a falta de controle e de hierarquias aparentes possibilita que as partes possam se reinventar em densidades e extensões distintas sem se sobreporem ou subjugarem às demais. Por essas características, pode ser denominada de “Babel cultural”, visto a constante mutação e desordem saudável dos espaços disponíveis (MORAES, 2000, p. 143). Edwards e McCarthy (2004) apontam a importância da internet para os movimentos sociais em virtude das possibilidades disponibilizadas para disseminar informações e coordenar atividades em diferentes grupos sociais. No entendimento de Klandermans e Staggenborg (2002, p. 332), a internet pode se configurar como uma rica fonte de dados para se analisar tais movimentos em virtude da crescente difusão de informações em seu espaço.

A internet serve, portanto, como importante complemento para as ações políticas, engajamento cívico e participação democrática, o que não significa que os processos tradicionais se encerrem em virtude dessa nova dinâmica de participação, mas que os indivíduos têm à disposição novos espaços para diferentes tipos de deliberações democráticas (FREY, 2003). Para Scherer-Warren (2005, p. 83), as redes virtuais, resultantes do ciberativismo são intencionais e “*transciendem las fronteras espaciales de las redes presenciales, creando, por lo tanto, territorios virtuales cuyas configuraciones se definen por las adhesiones a una causa o por afinidades políticas, culturales o ideológicas*”. Dessa forma, há um deslocamento das fronteiras comunitárias e locais tradicionais, podendo se verificar o desenvolvimento de um potencial de ações coletivas na era da informação.

O ciberespaço coloca-se como um ambiente com capacidade de revitalizar lutas e movimentos civis, já que constantemente aumenta o número de indivíduos que procuram tais espaços ansiando por expressar-se. Apesar de anárquica, a internet mostra-se bem mais



democrática que as mídias de massa, característica esta que se fortalece ainda mais quando se consideram o barateamento dos custos, o aumento do raio de abrangência global e a rápida velocidade de circulação de informações (MORAES, 2000). Com apenas um clique, uma pessoa pode fortalecer um movimento, como por exemplo, assinando um abaixo assinado, o que nos remete a um novo conceito de ‘cliqueativismo’. Esse fato ainda colabora com o entendimento das chamadas “forças dormentes” que Machado (2007, p. 278) argumenta serem importantes para os movimentos sociais nas redes virtuais, visto que essas forças são relacionadas a pessoas que fazem parte da rede e, apesar de não muito engajadas, podem se identificar com certas causas e ações e fortalecê-las em dados momentos.

Machado (2007) alerta para a existência de movimentos sociais que ocorrem em zonas cinzas de descontrole, nas quais se torna difícil estabelecer controle e responsabilidades. A exemplo desses movimentos, o autor aponta para o “hacktivismo” e o “ciberterrorismo”, os quais se utilizam de ataques virtuais a *sites* e sistemas diversos de organizações. Nos dias atuais, um movimento que tem ganhado força nesse contexto advém de ações do grupo intitulado como *Anonymous*.

Apesar das diversas possibilidades para o desenvolvimento de movimentos sociais, Moraes (2000, p. 153) argumenta que alguns fatores requerem melhor análise do quadro de expectativas que a internet pode propiciar. Para o autor, “a cibermilitância necessita aprofundar experiências de comunicação eletrônica” e, além disso, ao mesmo tempo em que o fenômeno dos movimentos se torna muito rápido graças à tecnologia, também se mostra muito lento devido aos hábitos culturais e políticos. Além dos aspectos mencionados, a internet pode dar maior visibilidade para certos movimentos, mas isso não retira o poder predominante de determinadas mídias de massa que são bem perceptíveis na atualidade.

Dessa forma, as redes sociais virtuais mostram-se como um importante espaço de interação, reconhecimento e ação, mas podem requerer, em certos casos, outros tipos de recursos e ambientes para desenvolver os movimentos sociais. Para Scherer-Warren (2006, p. 112), por exemplo, as mobilizações contemporâneas na esfera pública resultam de articulações entre “atores dos movimentos sociais localizados, das ONGs, dos fóruns e redes de redes, mas buscam transcendê-los por meio de grandes manifestações na praça pública, incluindo a participação de simpatizantes, com a finalidade de produzir visibilidade através da mídia e efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral”.

Uma importante discussão a respeito das redes de movimentos sociais reside no fato das múltiplas participações em movimentos sociais, possibilidade esta que se eleva quando se leva em consideração as ações no ambiente virtual. Conforme esclarecido por Della Porta e Diani (2006), alguns tipos de grupos exigem afiliação exclusiva, tal como organizações políticas, enquanto outros possibilitam múltiplas afiliações, como no caso de grande parte dos movimentos sociais. A múltipla afiliação possibilita aos indivíduos e grupos acessarem diferentes áreas e estabelecerem relações de confiança com demais grupos que podem apoiar as ações desenvolvidas, tornando-se um importante canal para a articulação de iniciativas. Ao estudar a participação política de jovens brasileiros, Mische (1997, p. 145) argumenta



que o contexto brasileiro apresenta uma característica de “militância múltipla”, podendo ser observado por meio da participação dos indivíduos em uma série de movimentos (estudantis, políticos, religiosos), o que leva a crer que as redes de movimentos são extremamente interligadas.

Mesmo tendo clara a grande possibilidade que as redes virtuais oferecem para a integração e articulação dos movimentos sociais, Machado (2007) argumenta que ainda não se pode definir a exatidão dos impactos dessas para os movimentos, até mesmo porque os estudos neste campo são insuficientes. Contudo, pode-se afirmar que as redes sociais virtuais são um importante marco em relação à atuação dos/nos movimentos sociais, provocando consideráveis alterações na forma como as relações e as ações coletivas se estabelecem e se desenvolvem, bem como no impacto de tais redes para os resultados esperados. Além disso, fatores como a motivação, significados e organização das ações coletivas dos movimentos sociais não se mostram tão claros, mas de certo modo, intrigantes e desafiadores.

Vistas as possibilidades e desafios de estudos no campo dos movimentos sociais a partir de sua presença e estruturação nas redes sociais virtuais, a próxima seção procura apresentar as principais considerações a que se pôde chegar nesta discussão teórica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como se propôs na discussão acima, uma forma de promover a emancipação do indivíduo pode ser encontrada na criação e ampliação dos espaços que promovam maiores possibilidades de interação entre eles e de seus grupos como forma de participarem de discussões e ações para o alcance de objetivos, anseios e demandas coletivas. Nesse sentido, as redes sociais virtuais parecem despontar como importantes espaços nos quais as demandas individuais podem ser identificadas e reconhecidas como coletivas e permitir que a cooperação dê maiores condições de ação aos indivíduos, especialmente se comparadas às ações individualizadas.

A busca por emancipação, igualdade e/ou tipos de reconhecimento passa a ser realizada exclusivamente em espaços virtuais de interação ou como extensão dos espaços reais/físicos disponíveis. Esses espaços virtuais denominados de ciberespaços e estruturados na internet têm permitido novos formatos de organização social e a criação, estabelecimento e repercussão de movimentos sociais em várias partes do mundo, em especial pelo que se conhece como “redes sociais virtuais” ou “redes sociais na internet”. Estas redes, baseadas no desenvolvimento da *Web 2.0* e de *softwares* sociais, têm ganhado espaço na sociedade permitindo uma maior interação entre as pessoas.

Como resultado e exemplo das mudanças, há constantes repercussões na mídia mundial em relação às ações coletivas que se desenvolvem nessas redes, especialmente nos casos de alguns regimes autoritários que foram desestabilizados ou ruíram a partir de movimentos iniciados e/ou organizados em redes como *Facebook* e *Twitter*, sendo alguns dos casos mais recentes os relacionados com regimes autoritários de países como Egito e Líbia, por meio do que se denomina de Primavera Árabe. Além disso, outros vários eventos têm sido abrigados nas redes sociais, tais como movimentos contra a corrupção, formas de autoritarismo e opressão,

violência, homofobia, racismo, entre outros dos contextos sociais e econômicos. No Brasil, por exemplo, tem-se deparado atualmente com constantes movimentos abrigados nas redes sociais virtuais, em especial os direcionados a questões políticas, como nos casos do “Fora Renan”, direcionados a manifestações pela saída do Senador Renan Calheiros da presidência do Senado Federal, e no movimento a favor da saída do deputado federal Marcos Feliciano da presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara (CDHM). Além disso, impacto maior pôde ser observado no Brasil nas manifestações de junho de 2013 que encontraram muitas possibilidades de organização de ações em redes sociais virtuais como o Facebook e *Twitter*, bem como um espaço para divulgação de ações e para a criação e divulgação de ideias e comportamentos políticos.

Essas redes têm desempenhado um papel importante nos mais diversos países e com os mais distintos propósitos a partir da (re)definição da dinâmica relacional entre grupos sociais com a sociedade, de forma mais ampla ou relacionados diretamente ao Estado, ainda que influenciados por grupos políticos. A relevância dessas redes para a organização social já se mostra latente e tem ocasionado importantes mudanças nas formas como a democracia é realizada na e por meio da internet, configurando o que se denomina de ‘ciberdemocracia’ por meio do desenvolvimento da ‘cibercultura’. Contudo, esse contexto ainda é repleto de questionamentos e necessidades de esclarecimentos quanto às interações sociais e à organização dos grupos e de suas ações. Várias discussões têm vindo à tona quanto às formas virtuais de ações que se configuram como ativismo virtual e ações baseadas em ‘simples’ compartilhamentos de informações por meio do que se pode definir de ‘cliqueativismo’, isto é, possibilidades de ação apenas no espaço virtual por meio do compartilhamento e disseminação de informações entre os grupos sociais dos quais se faz parte.

Como contribuição teórica, este ensaio permitiu a organização de conceitos e o esclarecimento de contextos relacionados aos movimentos sociais organizados em redes, especialmente nas chamadas redes sociais virtuais, fato que colabora com a produção científica em uma área que se encontra em desenvolvimento. Dessa forma, o enfoque sobre esses dinâmicos espaços e movimentos pode propiciar novos olhares de pesquisadores sobre a influência dos novos aparatos de comunicação e interação sobre as ações coletivas de movimentos sociais, bem como sobre a importância da computação social na contemporaneidade ao permitir a aproximação dos indivíduos e a busca de objetivos comuns e compartilhados, o estabelecimento de novos arranjos organizacionais para os movimentos e a concessão de novas possibilidades relacionais nos movimentos que acompanhem os dinâmicos contextos dos relacionamentos na sociedade.

Este estudo apresenta como limitação a própria natureza dos objetos discutidos e suas formações conceituais recentes que, por serem demasiadamente fluidos e dinâmicos, requerem cuidado em termos de definições precisas e de julgamentos sobre suas influências na sociedade contemporânea. Além disso, outra limitação se encontra na não aplicação dos conceitos em casos reais de forma aprofundada e apenas o uso de citações de casos recentes nos quais os objetos em discussão podem ser encontrados, o que se justifica em função da natureza deste como um ensaio teórico.

Por fim, aponta-se como possibilidade de estudos que se investiguem os conceitos relacionados ao ciberespaço das redes sociais virtuais e as ações coletivas de movimentos sociais em casos reais ocorridos desde o nível nacional ao local, especialmente buscando verificar a influência da rede de relacionamentos virtuais sobre este contexto. Dessa forma, talvez seja possível verificar as relações entre movimentos sociais distintos nas redes e suas ligações, bem como a integração de ativistas de diferentes localizações em um mesmo movimento, buscando ressaltar a importância das redes virtuais e de suas ferramentas para a aproximação destes ativistas e do alinhamento de suas ideias e ações. Outros estudos podem buscar discutir como a formação de redes sociopolíticas virtuais são formadas independentemente da proximidade geográfica, bem como as possibilidades de organização e acompanhamento das ações coletivas por meio do ciberespaço das redes.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2007. **Anais...** Santos: Intercom, 2007a. Disponível em: [http://www.sitedaescola.com/downloads/porta\\_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/porta_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf). Acesso em: 12 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Formas de organização e enredamento para ações sociopolíticas. **Informação & Informação**, Universidade Estadual de Londrina, v. 12, Edição especial, 2007b. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/1776/1514>. Acesso em: 29 fev. 2012.

BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BOYD, D. The significance of social software. In: BURG, T. N.; SCHMIDT, J. (Ed.) **BlogTalks reloaded: social software research & cases**. Norderstedt: Books on demand, 2007a. p.15-30. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/BlogTalkReloaded.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. None of this is real: identity and participation in Friendster. In: KARAGANIS, J. (Ed.) **Structures of Participation in Digital Culture**. New York: Social Science Research Council, 2007b. p. 132-57.

\_\_\_\_\_; ELLISON, N. B. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, p.210-230, 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>. Acesso em: 27 fev. 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHUA, V.; MADEJ, J.; WELLMAN, B. Personal communities: The world according to me. In: CARRINGTON, P.; SCOTT, J. (Ed.) **Handbook of Social Network Analysis**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011. p. 101-115. Disponível em: <http://homes.chass>.

utoronto.ca/~wellman/publications/personal/Personal%20Communities%20-%20The%20World%20According%20to%20Me.pdf. Acesso em: 28 fev. 2012.

COGO, D.; BRIGNOL, L. D. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. **Revista Matrizes**, São Paulo. Ano 4, n. 2, p. 75-92, jan./jun. 2011.

COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 17, p. 235-248, mar./ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2012.

DELLA PORTA, D.; DIANI, M. **Social movements: an introduction**. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

EDWARDS, B.; McCARTHY, J. D. Resources and social movement mobilization. In: SNOW, D. A.; SOULE, S. A.; KRIESI, H. (Org.). **The blackwell companion to social movements**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

FREY, K. Desenvolvimento sustentável local na sociedade em rede: o potencial das novas tecnologias de informação e comunicação. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 21, p. 165-185, nov. 2003.

GAMSON, W. A. **Talking Politics**. New York: Cambridge University Press, 1992. 272p.

GOHN, M. G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 20-31, 2004.

GOSLING, S.; AUGUSTINE, A.; VARZIRE, S.; HOLTZMAN, N.; GADDIS, S. Manifestations of personality in online social networks: self-reported Facebook-related behaviors and observable profile information. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 14, n. 9, p. 483-488, 2011.

HAUG, C. Organizing spaces: Meeting arenas as a social movement infrastructure between organization, network, and institution. **Organization Studies**, v. 34, n. 5-6, p. 705-732, 2013.

KLANDERMANS, B.; STAGGENBORG, S. Introduction. In: KLANDERMANS, B.; STAGGENBORG, S. (Org.). **Methods of social movement research**. Social movements, protest, and contention. v. 16. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

KRAEMER, R.; WHITEMAN, G.; BANERJEE, B. Conflict and astroturfing in Niyamgiri: The importance of national advocacy networks in anti-corporate social movements. **Organization Studies**, v. 34, n. 5-6, p. 823-852, 2013.

LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004. 295p.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000. 260p.

- \_\_\_\_\_. **Ciberdemocracia**. Trad. Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. 249p.
- MACHADO, J. A. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, v.9, n. 18, p. 248-285, jul./dez. 2007.
- MACHADO, J. R.; TIJIBOY, A. V. Redes sociais virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **Novas Tecnologias na Educação**. CINTED-UFRGS. Porto Alegre, v. 3, n. 1, maio 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13798/7994>. Acesso em: 25 jan. 2012.
- MARQUES, E. Os mecanismos relacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 157-161, 2007.
- MARTELETO, R. M. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso: 18 jan. 2012.
- MELUCCI, A. **Challenging codes: collective action in the information age**. New York: Cambridge University Press, 1996.
- MISCHE, A. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 134-50, 1997.
- MORAES, D. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 23, n. 2, p. 142-155, 2000.
- NEGROPONTE, N. **Vida digital**. Trad. Sérgio Tellaroli. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PERUZZO, C. M. K. Comunidade em tempo de redes. In: PERUZZO, C. M. K.; COGO, D.; KAPLÚN, G. (Org.). **Comunicação e movimentos populares: quais redes?** São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 275-298. Disponível em: [http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades\\_em\\_tempos\\_de\\_redes.pdf](http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades_em_tempos_de_redes.pdf). Acesso em: 13 fev. 2012.
- PRIMO, A. F. T. A emergência das comunidades virtuais. In: Intercom 1997 - XX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 1997, Santos. **Anais...** Santos, 1997. Disponível em: <[http://www.sitedaescola.com/downloads/portal\\_aluno/Maio/A%20emerg%EAncia%20das%20comunidades%20virtuais.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/A%20emerg%EAncia%20das%20comunidades%20virtuais.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2012.
- RECUERO, R. C. Webrings: As Redes de Sociabilidade e os Weblogs. **Revista Sessões do Imaginário**, FAMECOS/PUCRS, Porto Alegre, v. 11, p. 19-27, 2004a. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webrings.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2012.
- \_\_\_\_\_. Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: considerações sobre o Orkut, os weblogs e os fotologs. In: XXVII INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais...** Porto Alegre, 2004b. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17792/1/R0625-1.pdf>. Acesso

em: 18 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Dinâmicas de redes sociais no Orkut e capital social. **UNIREvista**. Universidade do Vale do Rio Sinos. São Leopoldo, v. 1, n.3, jul. 2006. Disponível em: [http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_daCunha.PDF](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_daCunha.PDF). Acesso em: 25 jan. 2012.

RHEINGOLD, H. **Comunidade virtual**. Trad. Helder Aranha. Lisboa: Gradiva, 1996.

SANTOS JÚNIOR, D. L.; MANTOVANI, D. M. N. Comunicação nas redes sociais: um estudo com usuários das comunidades do Orkut. **Análise**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 30-41, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/8235/5905>. Acesso em: 17 jan. 2012.

SCHERER-WARREN, I. Redes sociales y de movimientos en la sociedad de la información. **Revista Nueva Sociedad**, Caracas, n. 196, p. 77-92, mar./abr. 2005.

\_\_\_\_\_. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília-DF, v. 21, p. 109-130, 2006.

SCHLEMMER, E.; BACKES, L.; FRANK, P. S. S.; SILVA, F. A.; DEL SENT, D. T. ECoDI: A criação de um Espaço de Convivências Digital Virtual. In: XVII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO – XVII SBIE. **Anais...** Brasília. 2006. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/507/493>. Acesso em: 10 jan. 2012.

SZELL, S.; THURNER, S. Measuring social dynamics in a massive multiplayer online game. **Social Networks**, v. 32, p. 313-329, 2010.

WELLMAN, B. Network analysis: from method and metaphor to theory and substance. In: WELLMAN, B.; BERKOWITZ, S. D. (Ed.). **Social structures: a network approach**. New York: Cambridge University Press, 1988. p.19-61. Disponível em: <http://homepage.ntu.edu.tw/~khsu/network/reading/wellman2.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. From little boxes to loosely-bounded networks: the privatization and domestication of community. In: ABU-LUGHOD, J. (Ed.) **Sociology for the twenty-first century: continuities and cutting edges**. Chicago: University of Chicago Press, 1999, p. 94-114. Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/littleboxes1/littleboxes1.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. Little Boxes, Glocalization, and Networked Individualism. In: TANABE, M.; BESSELAAR, P. V. D.; ISHIDA, T. (Ed.) **Digital Cities II: Computational and Sociological Approaches**. Berlin: Springer-Verlag, 2002, p. 11-25. Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/littleboxes/littlebox.PDF>. Acesso em: 10 fev. 2012.

WELLMAN, B.; BERKOWITZ, S. D. **Social structures: a network approach**. New York: Cambridge University Press, 1988.

WELLMAN, B.; GULIA, M. Net surfers don't ride alone: virtual communities as communities. In: KOLLOCK, P.; SMITH, M. (Ed.). **Communities and Cyberspace**, New York: Routledge, 1999. Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/netsurfers/netsurfers.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2012.

**Wellington  
Tavares**

Professor Assistente na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e graduado em Administração pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Estudos Organizacionais.

**Ana Paula  
Paes de Paula**

Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade de São Paulo (1994), Mestre em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas - SP (1998), Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2003) e Pós-Doutora em Administração pela Fundação Getúlio Vargas - SP (2005). Realizou formação teórica em psicanálise no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) (2009-2014). Atualmente é professora titular e pesquisadora da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, além de professora residente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT-UFMG). É também coordenadora do "Núcleo de Estudos Organizacionais Críticos e Transdisciplinares" do CEPEAD.